



UNICAMP

PO9.03

EVENTO: Krzytoff Penderecki
Henryk Górecki

VEÍCULO: O ESTADO DE SÃO PAULO

DATA: 16 de julho de 1994

PÁGINA: 1ª

SEÇÃO: CADERNO 2



Penderecki ataca a tonalidade

Maestro e compositor polonês, que vem à Cidade em agosto, afirma que música atual padece da 'síndrome Mickey Mouse'

ENOR PAIANO

A Polônia é uma cenário especial no panorama musical contemporâneo. Destruída na Segunda Guerra, palco dos campos de concentração, sujeita à dominação soviética, sofrendo da ebulição política dos anos 80 e agora com as crises da economia de mercado, gerou uma leva de compositores especiais, que viveram não só a efervescência política do seu país mas também todos os embates musicais da segunda metade do século. Deste cenário instável surgiram Krzysztof Penderecki, 61 anos, e Henryk Górecki, 60. Ambos flertaram com as experiências vanguardistas nos anos 50 e 60, depois negaram a experimentação meramente cerebral. Trabalharam, de formas variadas, com o folclore e a religiosidade do seu País. Tiveram papel fundamental no processo de redemocratização liderado pelo sindicato Solidariedade. A única diferença: enquanto Penderecki é uma unanimidade, considerado o maior compositor vivo, Górecki alcançou o maior sucesso já registrado na esfera da música erudita,

com sua 3ª Sinfonia, mas carrega a pecha de extremamente melódico e "retrógrado". O que eles têm em comum, além disso, é o Brasil: Penderecki rege o conjunto Sinfonia Varsóvia no Teatro Municipal dia 21 de agosto (os ingressos começam a ser vendidos na segunda-feira) e Górecki acompanha a Orquestra de Katowice, que ele mesmo escolheu para apresentar no Brasil a 3ª Sinfonia, hoje em Campos do Jordão e amanhã no teatro Sérgio Cardoso, sempre às 21h. Ambos falaram ao *Caderno 2* anteontem: Górecki no seu hotel (*leia abaixo*), Penderecki pelo telefone, da Alemanha.

Caderno 2 — Depois das experiências radicais dos anos 50 e 60, todo mundo parece estar voltando a composições dentro da tonalidade e da tradição. Por quê?

Krzytoff Penderecki — Não é todo mundo. Na verdade, estas ondas acontecem: no final do século 19 os compositores também pareciam muito mais interessados em olhar para trás do que inovar a música. Mas eu sou contra esta volta à tonalidade: os novos compositores só estão repetindo o que outros descobriram, seguindo os

mesmos caminhos. Na verdade isso começou nos EUA, com o minimalismo. É o que eu chamo de Síndrome de Mickey Mouse: a tentativa de tornar tudo agradável, gostoso para o público, que acontece também no cinema e nas artes.

Caderno 2 — A 'Sinfonietta per Archi', que faz parte do programa que o senhor vai apresentar em São Paulo, não segue esta onda?

Penderecki — Não, ela definitivamente não é uma peça tonal. Minha música muda e se desenvolve, e entra numa nova fase a cada três ou quatro anos. Eu não sou o tipo de compositor que faz a mesma coisa a vida inteira.

Caderno 2 — O senhor participou ativamente da política polonesa, é amigo de Lech Walesa. Como é o seu engajamento hoje?

Penderecki — Eu realmente me envolvi profundamente com política no final dos anos 80, quando escrevi o *Réquiem Polonês*. Eu quis apoiar o movimento com a minha música. Mas eu não sou um compositor político. De qualquer maneira a situação da Polônia está melhorando — devagar, é verdade. Mas quase 60 anos de dominação comunista arruinaram a Polô-

nia e temos que reconstruir tudo.

Caderno 2 — A religiosidade é outro elemento presente na sua criação.

Penderecki — Eu nasci numa cidade pequena, de 3.000 habitantes, onde a coisa mais importante era a igreja. Mas na verdade minha relação com a religião foi pela via da política. Eu escrevi muita música religiosa, o que era proibido. Não podíamos nem tocar na igreja.

Caderno 2 — O senhor disse que sua obra sempre muda. Qual é o próximo passo?

Penderecki — Primeiro, preciso diminuir o ritmo das apresentações com a orquestra. Na última temporada nós fizemos 74 concertos, e assim é impossível escrever. Mas eu estou pensando em experimentar duas formas que ainda não tentei: uma missa a capella e um oratório de natal, que é uma forma muito importante no Leste Europeu e dá grandes possibilidades ao compositor.

Caderno 2 — Górecki está em São Paulo. O senhor gostaria de dizer alguma coisa a ele?

Penderecki — É verdade? Eu gosto muito dele e admiro sua obra. Mande um abraço, por favor.



Penderecki: 'Me envolvi com política, mas não sou autor político'

BRAS
RELIGIOSAS
DESAFIAM O
COMUNISMO



Henryk Górecki: fanático pelo futebol brasileiro e pouco disposto a falar da situação polonesa

Górecki faz elogio da tradição

Compositor diz que troca toda a obra de Pierre Boulez por uma mazurca de Chopin

No momento em que o gol de Romário contra a Suécia finalmente saiu, o compositor Henryk Górecki, profundamente religioso e fanático pelo futebol brasileiro, ligou a TV no seu quarto no hotel. "Eu acompanho futebol desde a época da Guerra, lembro muito de Leonidas, que diziam que jogava descalço", contou o compositor em longa entrevista coletiva anteontem. Contrariando os rumores sobre sua saúde precária, estava radiante e até inflamado.

Caderno 2 — Como o senhor avalia a situação da Polônia hoje?

Henryk Górecki — Eu não gostaria de falar disso, porque me envolvi demais neste processo e não tenho uma visão imparcial. Para os compositores, antes o governo tomava conta de tudo: publicava a obra e fazia com que ela fosse tocada. Hoje sabemos que isso não é o suficiente.

Caderno 2 — O senhor se inspira muito no folclore polonês. Com o fortalecimento da União Européia e a abertura das fronteiras, o senhor não teme pelo futuro deste folclore?

Górecki — Eu não gosto da palavra folclore, porque lembra a terminologia comunista. Prefiro falar da "arte do povo", que é muito forte e vai sobreviver depois da minha morte. Ainda assim, a arte do povo não é minha fonte mais importante.

Caderno 2 — Então qual é?

Górecki — O meu Deus. Além de Bach, Mozart, Schubert, Chopin, Monteverdi, Vivaldi, Bruckner, Bach, Mozart, Bach, Mozart... Eu nunca paro de estudar esses compositores.

Caderno 2 — O senhor experimentou a vanguarda, depois optou pela tonalidade. Por quê?

Górecki — Quando eu era muito jovem, me senti próximo de Boulez, Stockhausen, Pousseur e Nono. De-

pois nossos caminhos se separaram e hoje troco toda a obra de Boulez e Stockhausen por uma mazurca de Chopin.

Caderno 2 — A '3ª Sinfonia' é sobre os campos de concentração?

Górecki — Não. Ela fala das tradições da região do Podhale, no sul da Polônia, que é de onde sai toda a

minha inspiração. Antes de ir ao Podhale eu já o conhecia das composições do meu mestre e professor, Szymanovsky. Uma vez vi num livro do Podhale a foto do muro de uma prisão da Gestapo, onde uma filha se despedia da sua mãe. Muitos anos depois

eu estudei os cantos da Silésia, e há um lindo, o choro de uma mãe que perde o filho. Mais tarde eu estava estudando a antiga poesia polonesa e li um poema de uma mãe que se despede do filho. A estrutura estava pronta: mãe-filho, filha-mãe, mãe-filho. (*E. P.*)

